

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

IN.VEN.TÁ.RIO

diário de uma educadora

A BUSCA POR UM PLANEJAMENTO DE ESCUTA

Leila Ramos Monteiro

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Alice Proença, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis"

São Paulo

2020

RESUMO

O que fazer com as experiências adquiridas durante um percurso profissional de trinta anos?

Todos os profissionais terão, após um tempo exercendo suas funções, um leque de experiências obtidas com as práticas do dia a dia. Essas experiências não podem ser abandonadas, mas compartilhadas de alguma forma, para que aprendizagens não sejam perdidas e outros profissionais possam fazer uso deste conhecimento. Foi o desejo por compartilhar que me levou a registrar nesse relato minhas reflexões e vivências com o planejamento, um resgate das muitas documentações que preparei para a organização das aulas.

Conviver com a infância durante trinta anos, como educadora e arte educadora, possibilitou a coleta de diálogos, registros fotográficos e um jeito de ser das crianças, que enriqueceram meu percurso na educação. Agora, quero dialogar com outros educadores, ouvir suas dúvidas e certezas, para que juntos possamos colaborar com uma educação mais ativa, mais eficiente e promissora.

Abro, nas próximas páginas, meu inventário, costurando o relato das experiências com as imagens, na intenção de deixar registrada algumas descobertas.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento. Escuta. Criança. Experiência. Percurso.

ABSTRACT

What do we do with the experiences gathered during a thirty year professional path?

All professionals will have, after some time in their function, an array of experiences obtained with day by day practices. These experiences must not be abandoned, but shared in some way, so that the learning will not be lost and other professionals may put these knowledge to use. It was the desire to share that took me to register in this account my reflections and livings with planning, a second look to the many documents I prepared in the organization of classes.

Living together with childhood for thirty years, as an teacher and art-educator, allowed the gathering of dialogues, fotografic registers and a way of being among the children that enriched my path in education. Now I wish to establish a dialogue with other educators, to listen to their doubts and certainties, so that together we may collaborate with a more active, more efficient and more promising education.

I open, in the next pages, my inventory, stitching together my account about the experiences with images, in an attempt of registering some discoveries.

KEYWORDS: Planning. Listening. Children. Experience. Path

RECORDAR É PRECISO

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças

dos meus marejados olhos transborda-me a vida,

salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,

mas os fundos oceanos não me amedrontam

e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

Conceição Evaristo¹

¹ EVARISTO, Conceição; "Recordar é Preciso";2008; Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>; acesso em:16/07/2020

Figura 1



No dia 16 de fevereiro de 2020 conheci o “Projeto Infâncias” da jornalista Gabriela Romeu. “Com um registro focado nos cotidianos infantis, compõem pequenos inventários de rituais, hábitos e costumes, tradições, encantarias, cantigas, brinquedos, brincadeiras, valores míticos e lendas ligados ao universo das crianças pelos muitos Brasis.”² Nasceu assim a concepção desse diário.

Agradecimento a esta inspiração.

² Projeto Infâncias; “O que é”; c2012; Disponível em: <<https://projetoinfancias.com.br/site/o-que-e>>; Acesso em: 16 de jul. 2020

Aos meus amores: Pedro, Gabriel e Andrea.

Obrigada pelo estímulo em forma de comidinhas deliciosas, as muitas horas de conversa em torno da mesa e o abraço carinhoso nos momentos difíceis.

SEREI SEMPRE GRATA:

à Adriana Friedmann,

pela escuta atenta, pelas palavras de encorajamento e por despertar meu desejo de aprender mais.

à Alice Proença,

que aceitou caminhar comigo, respeitou meu tempo e com a generosidade que sempre lhe é presente, compartilhou seus conhecimentos.

às Educadoras,

que fizeram parte da minha vida profissional. Hoje trago em minhas ações um pouquinho de cada uma de vocês.

às Mulheres da Casa Tombada³,

que embarcaram nesta jornada em busca de poesia e escuta, cúmplices no sonho de tornar a educação melhor e possível para todos.

³Nota da autora: A Casa Tombada é um lugar de Arte, Cultura e Educação, onde participei do curso de Pós-graduação "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis". Localizada na cidade de São Paulo, oferece cursos, encontros culturais, apresentações culturais e residência artística em torno da palavra oral e escrita.

Minha avó Anita bordava.

Minha avó Adriana costurava.

Minha mãe costura.



Eu herdei suas agulhas e linhas para bordar a vida.

SUMÁRIO

12.....Introdução - Abrindo meu inventário

15.....Sobre escolhas

18.....Inquietudes da (arte) educadora

24.....O antes e o depois

30.....Planejar com Intencionalidade

32.....As vozes que me inspiram

39.....Minhas verdades provisórias

43.....Conclusão - O fim ou um novo começo?

48.....A Escola e, época de pandemia - Relatos de Educadores sobre o planejamento para as aulas a distância

INVENTÁRIO

in·ven·tá·ri·o

sm

1 JUR Catálogo, registro, rol dos bens deixados por alguém que morreu ou dos bens de pessoa viva, em caso de sequestro etc.

2 JUR Documento em que se acham inscritos e descritos esses bens.

3 JUR Processo no qual são enumerados os herdeiros e relacionados os bens de pessoa falecida, a fim de se apurarem os encargos e proceder-se à avaliação e partilha da herança.

4 Avaliação de mercadorias; balanço.

5 Elaboração minuciosa; registro, relação, rol.

ETIMOLOGIA

*lat inventarium.*⁴

⁴ Michaelis On-line; Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/invent%C3%A1rio/>;
Acesso 10/06/2020

INTRODUÇÃO

ABRINDO MEU INVENTÁRIO

Estou há trinta anos na educação. Iniciei, ainda no magistério, como professora de Educação Infantil, acompanhando crianças de 2 a 5 anos, numa escola particular no bairro da Saúde em São Paulo. No decorrer desses anos tive a oportunidade de atuar como professora de primeiro ano, no Ensino Fundamental I, especialista em Artes Visuais e iniciei minha carreira como formadora de professores. Foram trinta anos convivendo e aprendendo com as crianças e jovens na escola. Trinta anos partilhando experiência com outros educadores. Trinta anos refletindo, questionando, tomando decisões (algumas acertadas, outras nem tanto!). Trinta anos sendo professora multidisciplinar e especialista em arte educação.

Todo este tempo passado na escola, proporcionou um acúmulo de experiências, as quais me possibilitaram crescer como educadora, conhecer pedagogias inovadoras e estudar alguns dos pensadores que hoje norteiam uma educação reflexiva e respeitosa às necessidades da infância. Aprendi com as incertezas e certezas. Aprendi no convívio com meus parceiros de profissão. Aprendi ainda mais com as crianças.

Figura 2



Este tempo foi suficiente para me aposentar, mas não para me aquietar. Tenho a inquietude de todo educador, pois vivemos buscando fazer mais e melhor. Nesse momento em que finalizo um ciclo profissional, visto que em 2019 completei o período necessário para solicitar a aposentadoria, escolhi fazer mais uma pós graduação na Casa Tombada, para aprender outras formas de ouvir as vozes das crianças, um jeito de alimentar este movimento de inquietude e continuar ativa, pronta para fazer perguntas. Pronta para aprender mais.

Estimulada pelas vozes que me chegaram durante estes dois anos de pós graduação, juntamente com os registros acumulados em sala de aula e as memórias que guardo, comecei a organizar um inventário. São informações sobre a boa trajetória profissional e desejo compartilhar com outros profissionais da educação que tenham interesse em ouvir.

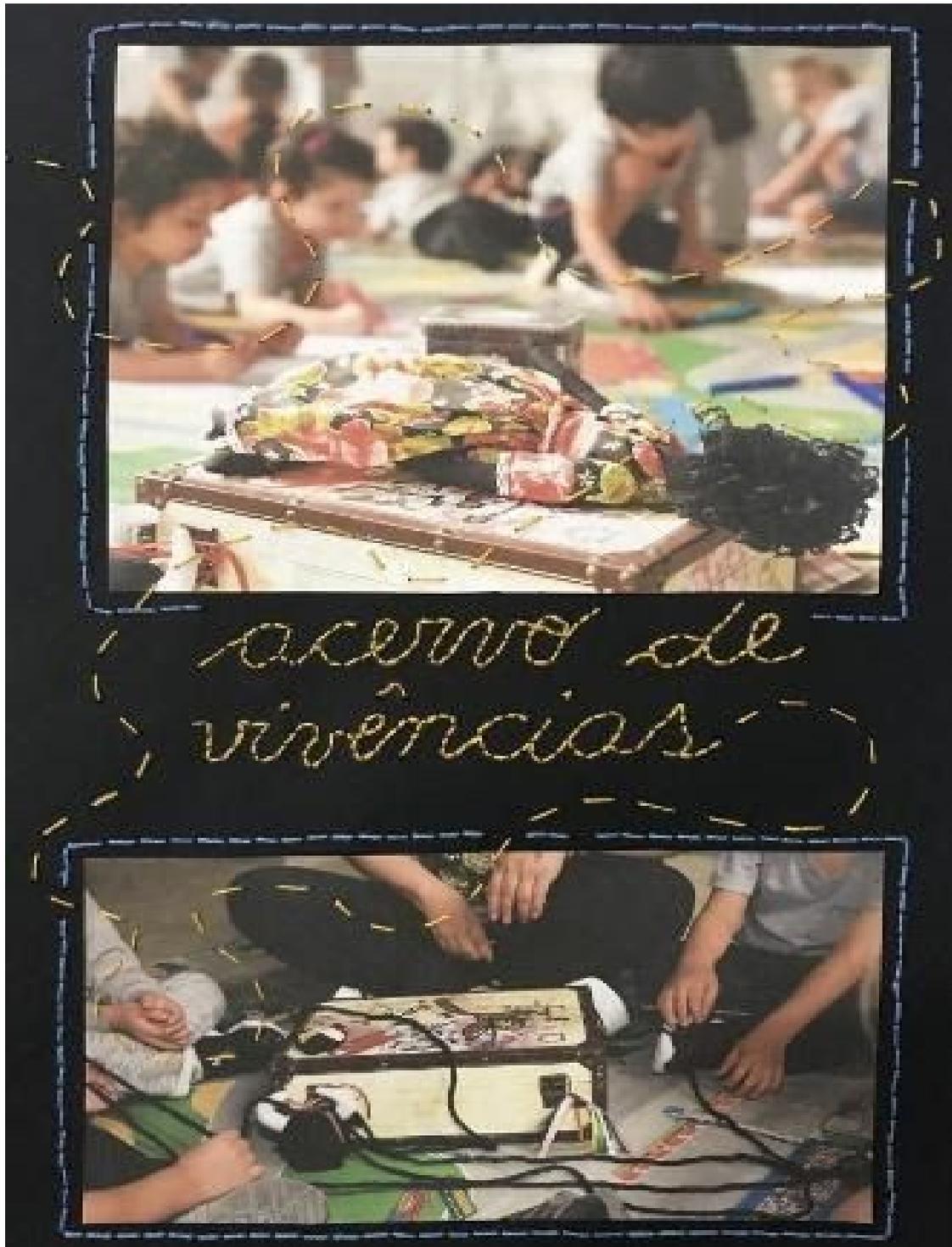
Meu inventário é grande, colorido, barulhento e ilustrado. Marcado pelo sorriso das crianças quando estão brincando, mas também cheio de falas compartilhando suas emoções e impressões do mundo. Seria impossível compartilhar tudo, por isso escolhi um fragmento, uma pequena parte da minha ação como professora e as reflexões que realizei sobre o planejamento de aulas. Através de um diário reflexivo compartilho dúvidas, experiências, exemplos, intenções e busca e imagens.

O planejamento como forma de organização pedagógica é uma ferramenta poderosa que todos os professores deveriam fazer uso e eu tive a oportunidade de estruturá-lo das mais diferentes formas, seguindo as demandas das instituições que trabalhei e diante das orientações dos parâmetros educacionais nacionais. Dos iniciais cadernos semanários aos mapas mentais, minhas aulas, projetos e sequências foram organizados usando o planejamento como documento para registro de minhas intenções.

O conhecimento que adquiri no decorrer dos anos, mudaram meu olhar sobre a eficiência na intencionalidade pedagógica que o planejamento pode ou não proporcionar. Desta forma, desejo debruçar-me sobre este oceano de experiências, resgatar exemplos de planejamentos, reflexões sobre o que preparei e contribuições das crianças neste processo. Ao costurar essas memórias, retomo pensamentos e

percursos, com a clareza que este não é o fim do caminho, mas um novo começo. Este é o início de uma nova trajetória, pois ser educadora é uma escolha de vida.

Figura 3



SOBRE ESCOLHAS

*“Que lindo e simples resumo da tarefa da educação: plantar jardins,
construir cidades-jardins, mudar o mundo, torná-lo belo e manso.
Aprender construindo. Aprender fazendo.
Para que as crianças possam brincar.
Para que os adultos possam voltar a ser crianças.
E espalhar sonhos, porque jardins,
cidades e povos se fazem com sonhos (...)
Rubem Alves⁵*

O caminhar nos leva a um lugar, marca a trajetória e define uma escolha. Traçado o trajeto podemos seguir a passos largos, correndo ou devagar, aproveitando a paisagem, descobrindo as curvas e retas da estrada, escolhendo com cuidado ou ao acaso, os caminhos para onde ir. Esta estrada é a vida e a escolha da profissão é um destes caminhos, momento que sentimos insegurança, medo, expectativas e dúvidas. Foi assim comigo e continua a ser assim com os jovens de hoje, que se encontram no momento da escolha profissional.

Figura 4



⁵ ALVES, Rubem; “Aprendiz de Mim - Um Bairro Que Virou Escola”; Papyrus; 2004;

A menina que fui aos doze anos, queria ser dentista, mas a adolescente de dezoito anos escolheu psicologia. Naquele momento, minha única certeza era querer ficar próxima das crianças e ajudá-las em suas necessidades. Queria ouvi-las. Ainda não tinha identificado em mim a professora, pois não queria escolher uma profissão, vista pela minha família como pouco valorizada e mal remunerada. Não adiantou fugir. Dois anos depois troquei de curso, fui para a pedagogia e lá encontrei parceiros que também buscavam ouvir. Na época não podia imaginar onde esta escolha me levaria, mas hoje sei que foi uma das decisões mais acertadas em minha vida.

Minhas primeiras vivências como professora foram tímidas, pois acreditava que para ser uma boa profissional era apenas necessário aplicar atividades, fazer decoração em datas comemorativas e cuidar com carinho das crianças. Com o tempo fui me inquietando com as práticas pedagógicas simplistas, aquelas que colocavam as crianças diante de uma folha com atividades de escrita ou matemática, sem levar em consideração seus conhecimentos prévios ou estarem relacionadas a um projeto de estudo. Essas propostas apenas solicitavam tarefas às crianças, como por exemplo assinalar os objetos que fazem parte de um quarto ou pintar as formas geométricas iguais. Provavelmente eram propostas que não faziam sentido aos meus alunos, assim como não faziam para mim também, mas naquele momento eu acreditava estar ensinando o que as crianças precisavam aprender.

Com o tempo comecei a estudar, escutei outros educadores e aprendi que as crianças sabiam muito mais sobre o mundo do que eu poderia imaginar.

Figura 5



O tempo passou, tive a oportunidade de vivenciar experiências em escolas reflexivas e me tornei uma educadora melhor. Apesar de toda a experiência que adquiri, ainda fico surpresa com o que a educação me apresenta dia a dia. Há tanto a descobrir e estudar, ainda tenho muitas perguntas para serem respondidas, muitos incômodos que preciso compartilhar. Ultimamente, a maior questão para mim é a organização do tempo das crianças na escola de Educação Infantil. Por que compartimentamos o tempo das crianças em caixinhas chamadas atividades? Ao planejar estamos levando em consideração a característica da faixa etária? Existe tempo de aprender e de brincar para as crianças pequenas? Quais escolhas as crianças fariam se pudessem tomar decisões sobre o seu tempo na escola? Como conciliar as necessidades das crianças e os aspectos administrativos de uma instituição escolar?

Foi por acreditar que as respostas existem que escolhi fazer a pós "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis". Já desconfiava que seria uma oportunidade única para encontrar outros

educadores que mantêm ativas as reflexões a respeito da educação, ouvir especialistas das mais diferentes áreas envolvidos com a busca por uma educação de maior qualidade e poder aprender mais.

INQUIETAÇÕES DA (ARTE) EDUCADORA

Passei trinta anos convivendo com as crianças, participando de suas vidas, compartilhando conhecimento e aprendendo com elas. Uma vida inteira descobrindo a ser uma professora melhor.

Este tempo também foi partilhado com outros educadores, alimentado por reflexões, leituras, grupos de estudo e enriquecido por experiências em várias escolas. Sou uma colcha de retalhos, bordada com conhecimentos e emoções, mas inacabada, pois como já disse, a inquietude profissional me faz querer continuar aprendendo e descobrindo sobre a educação. Estou no tempo de organizar meu inventário profissional, pensar em tudo que já fiz, refletir sobre o que já sei em relação a educação, rever minhas certezas e partir para um novo percurso profissional, buscando novas questões e conceitos. Por onde começar?

“Demorei muito para pegar o fio. Toda vez que tentava começar, sentia que ele escorria pelos meus dedos, era fluido, quase líquido.

Talvez, por medo de não ter as melhores palavras para dizer o que estava no meu pensamento. Então, comecei o exercício de juntar as pontas dos fios, na tentativa de conseguir encontrar minha própria ponta.

Esses fios outros me estimularam. São fios teóricos, fios da vida, fios de caráter privado, fios de dor, fios de alegria. Busquei nesses fios meus próprios fios.”⁶

Comecei assim, juntando as pontas das experiências como professora e arte educadora, principalmente da Educação Infantil. Olhei para as tarefas que me cabiam no dia a dia na escola, resgatei os cadernos de registro, as fotografias e as muitas perguntas anotadas nas barras de meus blocos/cadernos. Identifiquei que os planejamentos das aulas sempre foram uma grande questão para mim e olhar para tudo isso neste momento é retomar um histórico considerável de documentação que já elaborei e utilizei nas minhas aulas. É compreender como a minha concepção de planejar mudou no decorrer do tempo, sendo influenciada pela prática e pelos

⁶MOURA, Reginaldo Lima de; “Fio Solto”; Editora Pedro e João; p. 55

estudos que me fizeram repensar a forma como eu me relacionava com a construção de uma rotina escolar.

As experiências que tive com o planejamento, seja no segmento da Educação Infantil ou nas aulas de artes visuais, refletem escolhas pedagógicas, feitas por mim e com orientações das instituições em que estive trabalhando. Esta documentação me acompanhou por todos estes anos, em formatos e com propósitos diferentes, mas nem sempre olhei para o planejamento da mesma forma. Nem sempre acreditei, como hoje, que as escolhas do que fazer na escola devem estar pautadas nas ações das crianças, na observação do que gostam de fazer, nas respostas que dão aos estímulos, na construção de repertório pelas experiências que proporcionamos. Meu planejamento ideal hoje é muito diferente do que fiz anos atrás.

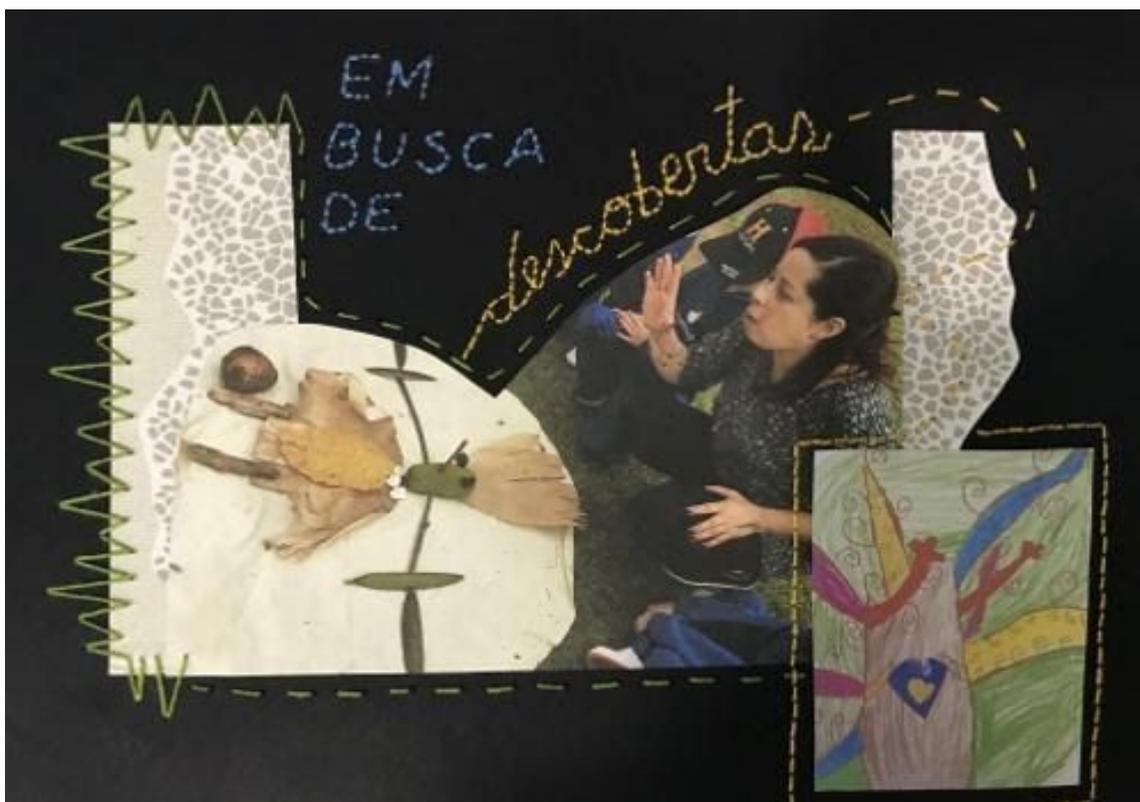
Ao iniciar como professora de Educação Infantil em 1989, comecei também a elaborar meus primeiros planejamentos para as aulas. Na época, fazia documentos considerando o que me era pedido, acreditando ser esta a única forma de organizar uma aula e um currículo.

Na verdade, este formato de planejamento era uma lista com as etapas das atividades, os materiais a serem providenciados, as estratégias que gostaria de realizar e alguma forma de avaliar. Não havia neste momento, para mim e para a instituição, um olhar reflexivo para esta documentação. Não pensávamos em atender o que o movimento das crianças nos cobrava, e não por maldade e sim ignorância, tínhamos certeza que os cadernos de semanário eram a única forma de organizar a rotina na escola.

Minhas primeiras inquietações com o planejamento começaram no ano de 2001, quando fui trabalhar na Escola da Vila. Na época comecei a fazer cursos e ler textos daqueles que teriam grande responsabilidade por desestabilizar minhas certezas. Madalena Freire, Emília Ferreiro, Philippe Perrenoud, Anamelia Bueno, Mirta Castedo, Mirian Celeste Martins, Eulália Bassedas, Isabel Solé e muitos outros, me apresentaram uma outra forma de fazer educação, aquela em que o

professor é reflexivo, questionador e atento às suas crianças. Comecei a trilhar um caminho sem volta, aquele do conhecimento, descobertas e da escuta.

Figura 6



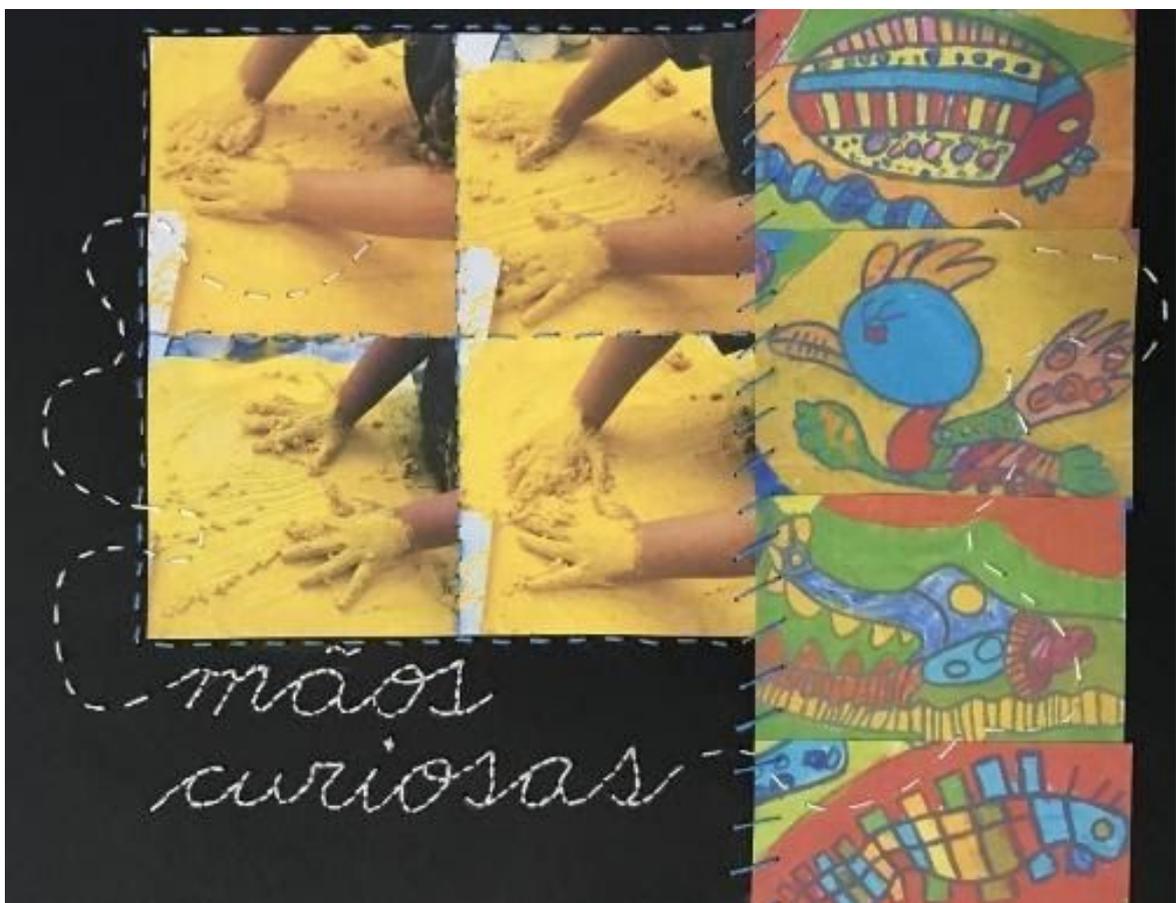
Em 2014 comecei a dar aulas de artes visuais e já havia aprendido muito sobre a ação de planejar, via o planejamento como uma ferramenta de apoio e não como um roteiro a ser seguido. A estrutura do documento que seguia ainda era escolhido pela instituição e formatado em uma tabela, mas eu não conseguia usar o planejamento da mesma forma que anos anteriores. Ele se tornou vivo, flexível, mais atento às minhas observações e voltado a atender, na medida do possível, as provocações feitas pelas crianças. Executar um planejamento levando em considerações todos estes aspectos não é tarefa fácil e via o quanto precisava voltar para o documento a cada aula, a cada conversa, a cada proposta que acontecia.

Se a inexperiência do meu início como professora me levou a realizar planejamentos instintivamente, seguindo a demanda de um sistema tradicional de ensino, aquele em que o dia do estudante é organizado numa rotina pré

determinada pelo professor, dividida em atividades e com tempo estabelecido; a experiência que havia vivido com uma rotina mais adequada às características das crianças de Educação Infantil, não me permitia mais voltar atrás. Eu não acreditava mais no sistema que fazia uso de atividades estereotipadas em formato de folhas ou apostilas, onde a criança não era ouvida e suas necessidades como brincar, explorar os espaços, conviver com o outro, descansar, pesquisar e compartilhar suas reflexões sobre o mundo, não eram levadas em consideração no planejamento. A medida que ampliava minha concepção sobre educação, estudando, ouvindo outros educadores e tomando conhecimento sobre outros jeitos de estar na escola, passei a me incomodar com o formato de planejamento que realizava, identificando como vago e pouco atento às vozes das crianças que eu tanto queria ouvir e atender.

Eu tinha muitas perguntas, faltava algo e eu fui buscar.

Figura 7



PLANEJAMENTO

pla·ne·ja·men·to

sm

1 Ato de planejar.

2 Organização de uma tarefa com a utilização de métodos apropriados: “As casas eram construídas de material simples: saibro, refugos, pedras misturadas ao barro, em regime de mutirão. [...]. Todas pequenas, numa distribuição desordenada, sem planejamento nem formalidades” (LA1).

3 Determinação de ações para atingir as metas estipuladas por uma empresa, órgão do governo etc.; planificação: “[...] a maioria das atividades propostas tem como resultado algum tipo de envolvimento de outras disciplinas, [...] daí a importância de, no momento do planejamento da execução dessas propostas, os professores indicarem os critérios para a avaliação em conjunto” (NG).

ETIMOLOGIA

der de planejar+mento⁷

⁷ Michaelis On-line; Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/invent%C3%A1rio/>;
Acesso 10/06/2020

Afinal para que serve e para quem serve o planejamento?

O ANTES E O DEPOIS

Quando comecei minha carreira de professora, a educação tradicional era uma comum em quase todas escolas de São Paulo. Começava-se a falar sobre Montessori, Nova Escola, Construtivismo, mas eram iniciativas pequenas e poucas instituições trabalhavam com propostas inovadoras. A proposta pedagógica tradicional entendia a criança como um ser sem muitas experiências de vida. Ela vinha para a escola com o objetivo de aprender, ou seja, eu deveria ensinar.

“O papel da escola tradicional era justamente fazer com que o aluno cresça pelo próprio mérito a partir do professor que repassa a ele todo o conhecimento obtido pela humanidade, de uma forma extremamente mecânica, fria e crua, e de uma forma generalizadora na qual as particularidades não são respeitadas, alunos sempre seriam alunos independente das especificidades, e o professor seria o dono do saber e do conhecimento, deixando assim evidente a posição do professor como sujeito ativo, e o aluno como sujeito passivo, sujeito este que deveria apenas receber o conhecimento e por si só desenvolver suas características sociais, políticas e humanas em geral de uma forma que os menos capazes ficariam para trás nessa escala de desenvolvimento. O método dos professores, o conteúdo e a avaliação eram todos de poder decisório deles, a explanação oral era à base do compartilhamento de conhecimento, as aulas eram todas preparadas de forma minuciosa, sendo que a explanação e até a análise eram todas feitas pelo professor, direcionando o aluno para onde se queria, dentre as características do método a aplicação de conteúdo repetitivo de forma que aluno decorasse, a falta de dinamismo fazia com que certos alunos aprendessem e outros não, já que a capacidade de aprendizagem varia entre as pessoas, cada um tem sua forma de aprender.”⁸

Seguindo por este perfil de escolarização, professores de educação infantil como eu, buscavam diferentes recursos materiais para que, “os alunos”, memorizassem conceitos que deveriam ser reproduzidos posteriormente. O bom professor era aquele que sabia transmitir o conhecimento usando materiais estruturados, como cartazes com imagens, folhas de atividades, cartilhas e livros

⁸ MOURÃO, Helder; “A pedagogia Tradicional ontem e hoje”; c.2010; Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-pedagogia-tradicional-ontem-hoje.htm>>; Acesso em: 16 de jul. de 2020

didáticos. Passei muitos finais de semana recortando, colando, fazendo máscaras, desenhando personagens e configurando as folhas de atividades que daria na semana.

“Este modelo burocrático é cego à questão das diferenças culturais, o que explica por que os professores que operam (*ou operaram*) nesse modelo são frequentemente indiferentes quando confrontadas com a cor ou outras diferenças sociais e culturais (FORMOSINHO; MACHADO, 2011).

Este é o processo tradicional de simplificação da educação transmissiva, tendo o seu início na dimensão organizacional - por meio da construção de uma linha de montagem educacional que reduz a complexidade de qualquer trabalho a uma sequência de tarefas automáticas muito simples - continuando na dimensão curricular - mediante a explicitação sistemática e sequencial de conteúdos prescritos - e acabando na dimensão pedagógica, por meio da configuração de salas de aula homogêneas e da padronização de processos e resultados no ensino.”⁹

No leque das ações como professora de Educação Infantil eu fazia planejamento das minhas aulas. Usava, nessa época, um caderno chamado semanário e usando todos os meus conhecimentos artísticos tinha um caderno colorido e organizado. Toda segunda-feira eu entregava meu semanário ao coordenador, que retornava no final do dia com suas observações escritas em vermelho. Esse caderno continha uma lista das atividades que aconteceriam nos dias da semana, mas não contava qual e como as propostas seriam realizadas. Não havia objetividade, conteúdo ou estratégia de ação; assim como também não ficava explicitado os materiais necessários para as aulas.

Esta forma de organizar as aulas não é novidade para os educadores, vem sendo usado há anos e ainda encontramos muitas instituições que acreditam na eficiência desta forma de organização do tempo e atividades na escola. Algumas utilizam a organização mensal, tornando assim muito mais rígida ou aleatórias as escolhas pedagógicas.

⁹ OLIVEIRA, Júlia e PASCAL, Christine; “Documentação Pedagógica e Avaliação na Educação Infantil: um caminho para a transformação”; Penso Editora Ltda; Porto Alegre - RS; 2019; p. 8, 9

Figura 8

HORA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
8:00	Chegada / Brinquedo				
8:30	Roda	Roda	Roda	Roda	Roda
8:45	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
9:00	Pátio	Pátio	Pátio	Pátio	Pátio
9:35	Atividade Temática	Atividade Temática	Atividade Temática	Atividade Temática	Atividade Temática
10:00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
10:20	Escovação	Escovação	Escovação	Escovação	Escovação
10:30	Atividade Fixa	Atividade Fixa	Atividade Fixa	Atividade Fixa	Atividade Fixa
11:15	Jogos / Música / Massinha				
11:30	Vídeo/ Soninho	Vídeo/ Soninho	Vídeo/ Soninho	Vídeo/ Soninho	Vídeo/ Soninho
12:00	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

A primeira vez em que me deparei com esta forma de organização curricular foi nas aulas do Magistério, numa tarefa de preparar um plano de aula, um semanário. Naquele momento estava aprendendo e por falta de experiência não via

problema nesta forma de planejar aulas. Porém lembro o quanto me incomodou listar as propostas sem parâmetros sobre os interesses das crianças, já pensava: como antecipar o que as crianças precisam aprender, como sei que estou fazendo boas escolhas, e se não gostarem, se não tiverem interação com o que estarei propondo?

Passei anos entendendo o planejamento como um compilado de escolhas, que escolas e professores faziam, com objetivo de organizar conteúdos no tempo em que as crianças estivessem no espaço escolar. Estas escolhas (as minhas escolhas), foram feitas pensando na gestão da aula, no tempo que tinha com as crianças, no que precisava ensinar, na avaliação das aprendizagens e nos materiais

disponíveis. Como uma lista de compras do supermercado, fazia também uma lista do que não poderia faltar para o que considerava uma boa aula.

Figura 9

PLANO MENSAL EDUCAÇÃO INFANTIL				
SEGUNDA -FEIRA	TERÇA -FEIRA	QUARTA -FEIRA	QUINTA -FEIRA	SEXTA -FEIRA
Brinquedo de encaixe	Pintura livre	Brinquedos afetivos	Dia do brinquedo preferido	Modelagem
Modelagem	Brincando e construindo com LEGO	Modelagem	Fazendo bolinhas	Brinquedos de encaixe
Quebra-cabeça	Dia das histórias com dedoches	Dominó Quebra-cabeça Alinhavo	Quebra-cabeça	Alinhavo
Alinhavo	Bolicho Modelagem Peteca	Jogos pedagógicos	Brincando com fantoche	Folheando livros de história

Não tenho a intenção de descartar toda a experiência vivida, afinal acredito que para haver mudanças é preciso vivenciar, levantar questões e ir em busca de respostas. Este movimento de inquietude é o que nos leva a buscar novas formas de fazer. Tive o tempo de executar e usar, da melhor forma, o planejamento numa proposta pedagógica tradicional; e isso me levou a ver como estava trabalhando com um documento engessado, que não permitia muitas mudanças. As vezes me pergunto se a rigidez era da forma como era orientada a planejar ou minha.

É muito gratificante para mim rever este percurso profissional e identificar as mudanças em minhas concepções sobre a educação, ver como aprendi que a criança pode ter protagonismo em sua aprendizagem e o professor ser parceiro em

suas descobertas exploratórias. Acredito hoje que o planejamento deva ser flexível, que possa usar as observações escritas e imagéticas para orientar um percurso de propostas que favorecerão experiências e aprendizagens muito mais significativas. Vejo a flexibilidade como possibilidade de inserir e retirar propostas, de valorizar as pesquisas que acontecem no decorrer de um percurso e trilhar caminhos múltiplos em todo este processo. É esse planejamento que eu desejo compreender mais e como educadora vê-lo ser utilizado por mim e em muitas instituições educacionais.

MAS...

Como fazer um planejamento que atenda escola, família, professores e estudantes?

O planejamento deve ser rígido ou flexível?

Como fazer uso dos registros escritos e fotográficos no planejamento das aulas?

Como colocar as vozes (desejos) das crianças no planejamento diário?

De que forma o planejamento pode atender às orientações didáticas sem comprometer o protagonismo dos estudantes?

É possível desenvolver conteúdos e organizar o tempo sem fazer planejamento?

Como planejar com a contribuição das crianças e jovens?

PLANEJAR COM INTENCIONALIDADE

Considero importante ressaltar que ao questionar as estruturas de planejamento, pautadas na listagem de procedimentos, conteúdos e materiais, não estou dando menor valor as situações de planejar. Os aspectos organizacionais presentes nos documentos de planejamento, independente do formato, têm sua importância quando contribuem com a gestão do tempo, antecipam etapas de trabalho e orientam estratégias de condução das aulas. O planejamento é apresentado por Philippe Perrenoud em seu livro “10 Novas Competências para Ensinar”, como um dos aspectos importantes nas situações de aprendizagem. Ele diz:

“Uma situação de aprendizagem inscreve-se em um dispositivo que a torna possível e, às vezes, em uma sequência didática na qual cada situação é uma etapa em uma progressão.

Sequências e dispositivos didáticos inscrevem-se, por sua vez, em um contrato pedagógico e didático, regras de funcionamento e instituições internas à classe. As noções de dispositivos e de sequência didáticos chamam a atenção para o fato de que uma situação de aprendizagem não ocorre ao acaso e é engendrada por um dispositivo que coloca os alunos diante de uma tarefa a ser realizada, um projeto a fazer, um problema a resolver.”¹⁰

Considerando esta afirmação o planejamento é uma ferramenta organizacional das estratégias que os professores farão uso em suas aulas. Se considerarmos os aspectos que particularizam nossos alunos, observando atentamente seus interesses, compreendendo a necessidade do uso de diferentes recursos para que a aprendizagem aconteça, podemos criar um planejamento mais eficiente. Porém, na maioria das vezes, ainda fazemos uso levando em consideração apenas a organização do tempo, do espaço e dos materiais, esquecendo a potência que o planejamento pode ter.

Partindo da certeza sobre a importância do planejar, mas também do escutar as crianças, porque a educação não pensa em ações de planejamento que atendam as reais necessidades de aprendizagem?

¹⁰ PERRENOUD, Philippe; “10 Competências para Ensinar”; Artmed; Porto Alegre; 2000; p. 33



Uma pergunta simples que já foi feita por muitos educadores e vem sendo respondida com ações inovadoras de estudiosos e escolas pelo mundo. Este olhar mais cuidadoso começa pelo resgate da rotina/jornada das crianças na escola e como são atendidas as necessidades de cada faixa etária.

Ao voltar atenções para o planejamento, identifiquei a necessidade de criar maior intencionalidade no que estava levando aos alunos. Uma intencionalidade que precisava atender a vontade de explorar o mundo, apresentada todos os dias pelas crianças. Foi nos últimos dez anos, recebendo grupos menores nas aulas de artes, que consegui dar maior atenção às perguntas das crianças, buscando sempre que possível atender seus desejos por explorar um material, trabalhar em espaços diferentes ou pesquisar algum tema.

AS VOZES QUE ME INSPIRAM

Os professores colecionam pérolas! Estas pérolas são a materialização dos desejos, impressões e emoções das crianças em suas vozes. Digo crianças porque passei muito tempo envolvida com os pequenos da Educação Infantil, foi neste seguimento que estabeleci minha base de estudo, me especializando na faixa etária e como arte educadora.

Quem convive com as crianças de 1 a 6 anos, sabe que elas nos contam sobre as impressões e aprendizagem que fazem do mundo, na maioria das vezes através das brincadeiras, mas também com gestos, olhares, sorrisos e choros. É preciso sensibilidade e escuta atenta para entendê-las.

Em minha trajetória de educadora as crianças foram me dizendo o que desejavam, o que não gostavam, como estavam se sentindo, o que queriam fazer e compartilharam comigo suas dúvidas e certezas (mesmo que provisórias). Foi assim que colecionei muitas pérolas, algumas narradas por elas outras colhidas nas lentes das máquinas fotográficas. Elas gritavam: ME ESCUTA! Nos meus primeiros anos de profissão eu ainda não tinha os ouvidos tão atentos.

Estas vozes vieram até mim das mais diferentes formas: divertidas, curiosas, rabugentas, entusiasmadas; compartilhadas durante um desenho, uma pintura, entre uma brincadeira e outra. Crianças falam enquanto suas mãos produzem, algumas com vozes de barítono, outras com cochichos ao pé do ouvido ou apenas através de um olhar. Cabe a nós, educadores, a gentileza de escutá-las e procurar formas de atender suas necessidades diante deste mundo tão estimulante.

Escutar o que as crianças nos dizem deveria ser uma premissa do professor, mas foi recentemente que este verbo, ESCUTAR, tornou-se comum no vocabulário da educação. Entendo esse movimento como uma transformação positiva na maneira de entender as crianças no espaço escolar e na vida. Hoje sabemos que elas aprendem com as interações entre seus pares, que criam teias de conhecimento através das experiências de vividas e portanto podem ser

protagonista no seu processo de aprendizagem. Ser protagonista não significa estar sozinha, mas sim ser ouvida pelos adultos que estão envolvidos em sua educação. As crianças nos falam com seus corpos, com seus gestos, com os olhares curiosos e questionamentos. Nos contam o que estão compreendendo sobre o mundo e o que mais desejam aprender. Ouvir e entender essas diferentes formas de aprender tem ajudado a refletir sobre a escola que queremos construir e qual o nosso papel como educadores. Loris Malaguzzi¹¹, inovou a educação ao propor mudanças na forma como os educadores se relacionam com seus estudantes e com o ensinar. propôs uma pedagogia voltada para a escuta, convidando todos os adultos da escola a se envolver na educação das crianças. Ao mesmo tempo deu a criança a oportunidade de construir um percurso de aprendizagem, fazendo-nos entender a potencialidade que, mesmo muito pequenos, podem ter. As escolas de Reggio Emilia, projetadas por ele, tornaram-se referência para o mundo, abrindo janelas de potencialidades para entender quem é esta criança na escola.

“...O que sabemos sobre as crianças versus o que não sabemos, bem como sobre o que sabemos, mas deixamos de fazer com elas e por elas. Contudo, o problema é ainda mais amplo, já que envolve a raça humana e o desperdício de sua inteligência e humanidade. Todas as pessoas - e quero dizer estudiosos, pesquisadores e professores, que em qualquer lugar se propuseram a estudar as crianças seriamente - terminaram por descobrir não tanto os limites e a deficiência das crianças, mas em vez disso, suas qualidades e capacidades surpreendentes e extraordinárias aliadas a uma necessidade inexaurível por expressão e realidade. Entretanto, os resultados dessas investigações aprendidas, descrevendo novos aspectos do desenvolvimento e abrindo incontáveis possibilidades para a aplicação prática e consideração ética e filosófica, não foram suficientemente apreendidos pelos educadores. Em vez disso, durante esse intervalo, metáforas e imagens reemergiram, retratando a infância em um de dois extremos: como vazia, impotente e completamente moldada por adultos ou, por outro lado, como autônoma e capaz de obter o controle do mundo adulto. Não legitimamos corretamente uma cultura da infância, e as consequências são vistas em nossas escolhas sociais, econômicas e políticas e em nossos investimentos.”¹²

Ao tomar conhecimento da pedagogia da escuta e passar a compreender que a criança tem múltiplas formas de se expressar e que a escola pode validar e

¹¹ Loris Malaguzzi foi um Pedagogo italiano criador da “pedagogia da escuta” exercida em escolas na região de Reggio Emilia

¹² EDWARDS, Carolyn, FORMAN, George e GANDINI, Lella; “As Cem linguagens da Criança - VOL. 1”; Editora Penso; Porto; 2016; p. 82, 83

respeitar essas particularidade, comecei a encontrar respostas para meus questionamentos. Estudar a criança, compreender seu papel no mundo, perceber a forma como interagem, escutar suas experiências e desejos contribuiu para mudanças de minhas aulas. Se até este momento eu ainda questionava o planejamento que fazia, passei a entender um pouco melhor o porquê dele não fazer sentido para mim, afinal não devia fazer sentido para meus alunos também. Precisei estudar mais, trocar impressões com outros educadores e encontrar alguma forma de ajustar o planejamento de minhas aulas, dando voz às crianças, mas também a mim.

Nesta época eu já estava trabalhando como professora de arte na Educação Infantil, recebendo no ateliê crianças de 4 a 6 anos. O primeiro passo para mudar a forma como planejava as aulas foi começar a registrar mais o que acontecia em minhas aulas, mas desta vez a observação foi sobre as ações das crianças no uso dos materiais e como elas ajustavam suas pesquisas ao que propunha. Desta forma consegui perceber que muitos de seus ajustes se tornavam mais interessantes que minhas propostas de atividades. Eram ricos de curiosidade, de experimentação e compartilhamento entre eles. Por exemplo, ao propor um desenho com caneta colorida e papel canson sobre a mesa, sempre tinha uma criança que ia para o chão ou aquela que dobrava o papel para formar um pequeno livro (me pedindo para grampear no meio) e assim desenhar uma história. Passei a coletar uma lista de situações que partindo do comportamento das crianças criaram boas propostas e poderiam ser inseridas no planejamento das aulas.

O registro fotográfico foi outra ferramenta importante para capturar informações durante as aulas. Enquanto as crianças desenhavam, pintavam, colavam, modelavam ou brincavam com os objetos e brinquedos, eu fazia registros fotográficos que depois me serviam como avaliação da aula e coleta de informações da relação que as crianças estabeleciam com o que havia inicialmente sido proposto.

Figura 11



De forma muito tímida experimentei fazer um planejamento mais amplo, contendo apenas minhas intenções de tratar os conteúdos, com a lista de materiais iniciais para as aulas, mas totalmente aberto para encaixar os desejos das crianças à medida que a aula acontecia. Neste período eu tinha dois planejamentos, aquele que detalhava conteúdos, propostas, materiais e produtos para as sequências didáticas ou projetos; e outro era feito passo a passo, a medida que as aulas aconteciam. Neste último eu precisava me debruçar a cada mudança de aula, ajustando não só os interesses percebidos por mim, mas também medido pelas ações das crianças e suas falas.

Outro mudança importante neste processo de mudança foi a posição dos materiais no ateliê. Os objetos, brinquedos, papéis, colas, tintas e materiais gráficos precisavam estar em locais de fácil acesso, pois as crianças começaram a ter mais liberdade de escolha. Ao perceber que muitos de seus desejos e curiosidades

estavam sendo atendidos nas propostas das aulas, elas passaram a participar mais ativamente, explorando com muito mais liberdade o que lhes era disponibilizado.

Figura 12



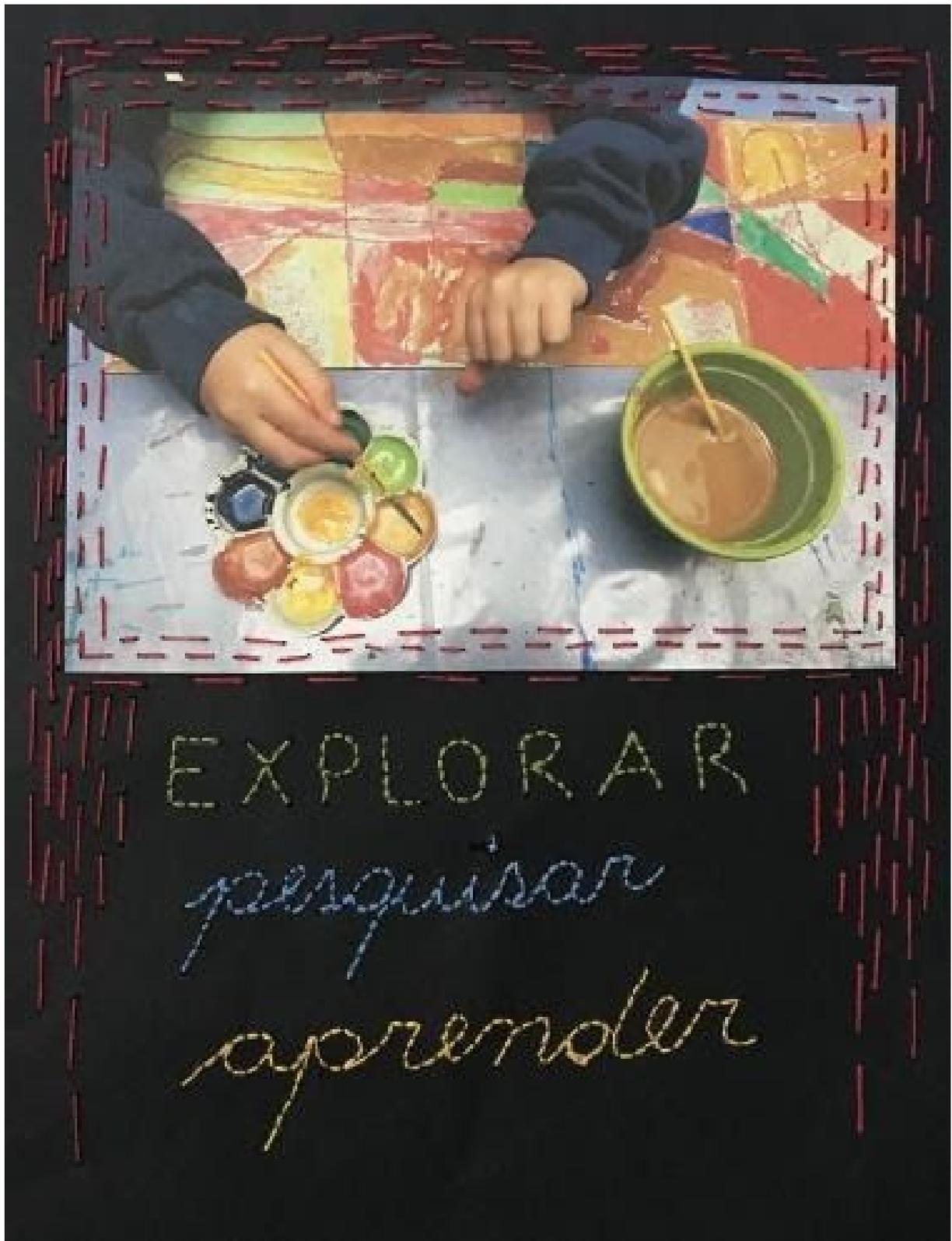
Neste processo de mudança, eu e as crianças nos entendíamos bem, mas foi necessário ter novos momentos de conversa, troca de impressões e acordos.

Passei a fazer rodas de conversa para que compartilhassem suas impressões e pudessem me contar sobre os desejos de exploração temática, de um material ou mesmo de algum espaço fora do ateliê. Passei a olhar as particularidade dos oito grupos que frequentavam as aulas de artes, e mesmo iniciando as sequências com temáticas iguais, por exemplo “As árvores na história da arte”, cada um seguiu por um caminho diferente. Alguns se interessaram pelas texturas dos troncos, outros por árvores muito grandes e com diferentes folhagens, mas também tive um grupo que acabou pesquisando os pássaros e seus ninhos.

O PLANEJAMENTO PRECISA REPRESENTAR O DESEJO, O INTERESSE, A PESQUISA, A EXPLORAÇÃO, A INTERAÇÃO COM OS MATERIAIS...

PRECISA SER A CRIANÇA NA ESCOLA.

Figura 13



MINHAS VERDADES PROVISÓRIAS

“Ao entender que o planejamento é um instrumento organizador de estratégias, de ações do professor, mas também dos alunos, tornamos este documento mais ativo e verdadeiramente eficiente. Tal como entendemos, o planejamento é uma ferramenta na mão do professor que lhe permite dispor de uma previsão sobre o que acontecerá durante a aula; uma ferramenta flexível que permite fazer variações e incorporações, bem como deixar de lado o que a situação, no momento da prática, não aconselhar que seja feito.”¹³

Hoje está mais claro para mim que o modelo de um sistema escolarizante não é o melhor para o desenvolvimento integral das crianças. Fui uma professora que trabalhou com livro didático na Educação Infantil, propus atividades de artes com muitas restrições à criatividade e ao percurso individual, mas isso foi em outro tempo. Hoje não acredito nesta escolha pedagógica, assim como também não escolho a visão de uma educação espontaneísta, sem intencionalidade. Acredito na intenção de educar, pois para mim o professor deve investigar, refletir, ouvir e fazer uso de intencionalidade no cotidiano escolar. Nosso papel é estar ao lado das crianças, ajudá-las na construção de seu percurso como estudantes, e essa ajuda pode ser planejada utilizando como ferramentas as observações do dia a dia.

Se a criança é o centro de nossas ações educacionais, pois é ela que irá relacionar-se com o espaço, com o tempo e com os materiais, porque durante muito tempo (e ainda hoje) a educação usa planejamentos que não atendem às reais necessidades das crianças?

Como disse anteriormente, romper com um planejamento burocrático, esvaziado de intenção pedagógica não é fácil, nos obriga a pesquisar, buscar referências pedagógicas, acompanhar educadores que já estão inseridos neste contexto e algumas vezes ir de encontro com as orientações da instituição que trabalhamos.

¹³ BASSEDAS, Eulália; “Aprender e Ensinar na Educação Infantil”; Artmed; p. 113

Figura 14



Tenho clareza que o planejamento é uma ferramenta fundamental para o professor organizar seus projetos e sequências e quando feito de forma eficiente, pode colaborar consideravelmente com a estrutura das aulas. Se o planejamento precisa fazer parte de nossas ações pedagógicas, a melhor forma de torná-lo verdadeiramente útil é reformular, repensar a forma como o fazemos. Maria Alice Proença, em seu livro *Práticas Docentes - A Abordagem de Reggio Emilia e o Trabalho com Projetos, Portfólios e Redes Formativas* apresenta as três fases para a elaboração de um planejamento:

“1. Planejamento antes das atividades (prévio): realizado com base em experiências anteriores e na leitura de registros sobre o trabalho desenvolvido; tem como função nortear o fazer cotidiano, de acordo com as observações e as avaliações articuladas aos objetivos propostas.(...)”¹⁴

¹⁴ PROENÇA, Maria Alice; “Prática Docente - A Abordagem de Reggio Emilia e o Trabalho com Projetos, Portfólios e Redes Formativas”; Panda Educação; São Paulo; 2018; p.46

“2. Planejamento posterior (realizado): com base na experiência concretizada, registra-se o que, de fato, aconteceu. Por ser uma construção do grupo, o processo está sujeito a imprevistos, situações emergentes a serem consideradas. É preciso fazer uma reconstrução reflexiva dos interesses-necessidades-faltas dos participantes, refletindo sobre o percurso desenvolvido, seus fazeres e saberes pedagógicos cotidianos. (...)”¹⁵

E por último etapa de um planejamento, é preciso pensar no:

“3. Replanejamento dos passos seguintes (ajustes da proposta): é a construção da continuidade do planejamento prévio articulado ao que foi vivido na ação do grupo. Algo vivo, um currículo conectado à realidade, com características individualizadas, que tem como referência os conteúdos do projeto pedagógico da escola. Ao replanejar, o professor-autor, mediador da construção de conhecimentos, deve estar atento para possibilitar que seus aprendizes signifiquem informações e vivências, transformando-as em aprendizagens contextualizadas com sentido.(...)”¹⁶

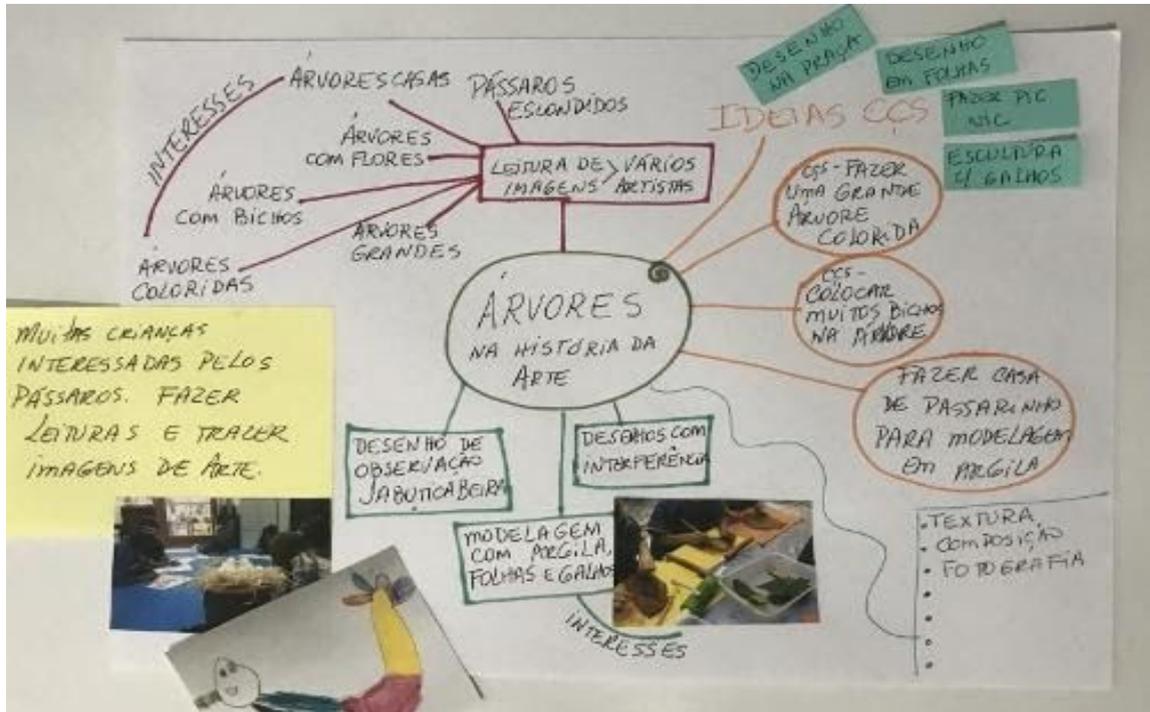
Olhando para essa estrutura de planejamento, esta forma de organizar o que se deseja desenvolver com as crianças, identificamos o compromisso do educador com o conhecimento, com aquilo que deseja trazer até seus alunos, mas também a valorização das necessidades dos estudantes. Independe da forma estrutural do planejamento, em tabela, como lista em um caderno ou mapa mental, o importante é entender que este instrumento é flexível, que vai se moldando à medida que um projeto ou sequência acontece, entendendo que a aprendizagem não é fragmentada, que acontece através de experiências vividas.

Eu já havia entendido a importância das das crianças neste novo jeito de planejar, estava ouvindo-as e tentando particularizar o planejamento, mas queria que ao entrar no ateliê elas realizassem uma leitura do planejamento, para acompanhar as etapas, os temas de pesquisa, as mudanças e sugestões de atividades que seriam inseridas à medida que nossos projetos aconteciam. O mapa mental me pareceu uma estrutura de fácil leitura e compreensão, já que as crianças não eram leitores experientes. O planejamento ficava afixado no mural do ateliê e foi gratificante acompanhar o interesse por entender esta forma de organizar as aulas, seja em seus próprios grupos como em aulas de outras turmas.

¹⁵ Idem; p.47

¹⁶ Idem; p.47

Figura 15



Planejar o cotidiano pedagógico desta forma, criou para mim, uma maleabilidade na condução das aulas, me deu recursos para atender as demandas individuais e coletivas, possibilitando ajustes e apresentação de situações mais ajustadas aos temas estudados. E não afirmo ser fácil planejar desta forma, pelo contrário, são tantos aspectos a serem considerados que torna-se uma tarefa extra olhar para a documentação. No entanto, são palpáveis os ganhos que as crianças têm a medida que o tempo passa, tornam-se mais autônomas, falantes e curiosas. Os produtos resultantes dos estudos e propostas artísticas também mudam, já que se personalizam e marcam de verdade o interesse dos grupos e consequentemente das crianças.

CONCLUSÃO

O FIM OU UM NOVO COMEÇO?

“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

Paulo Freire

Se os homens se fazem nas palavras, nós educadores, estamos completos ao participar de grupos de estudo, rodas de conversa e debates, defendendo nossas crenças sobre a educação, refletindo e descobrindo no outro novas verdades. É assim, através da palavra que compartilhamos e lutamos por uma educação melhor para todos.

Sabemos também que não bastam as palavras, é preciso trabalho árduo, que acontece no dia a dia em sala de aula, na escola, nas leituras de estudo, nos finais de semana passados em cursos e fazendo pesquisas. A educação exige dos professores tempo, um tempo que vai além daquele passado com as crianças, pois quando estamos ao lado delas, estamos brincando, lendo histórias, organizando materiais, ajudando a abrir lancheiras, resolvendo conflitos...ouvindo-as. O restante do que cabe a nossas tarefas de professor como preparar aulas, corrigir provas, descobrir literaturas novas para a roda de história, avaliar, registrar; fazemos em casa, fora do tempo na escola. Um trabalho extra já incorporado em nós.

Sim, somos palavra e trabalho, mas também somos ação-reflexão, assim como Paulo Freire diz; e nos tornamos ação-reflexão quando paramos para observar e escutar, quando levantamos perguntas e buscamos respostas, quando descobrimos um jeito de fazer melhor, que atende as crianças. Esta busca é múltipla, não se faz sozinho, mas em parceria com outros educadores que também procuram respostas para suas perguntas.

Um pouco da minha ação-reflexão foi apresentada neste documento, de forma a compartilhar questões e descobertas sobre o planejamento. Parto deste fim para um novo começo, aquele que já se vislumbra com algumas certezas, mas que também levanta novos questionamentos.

Atualmente o meu planejamento ideal é um documento mais complexo, subdividido em etapas que atendem os diferentes aspectos pedagógicos de minhas aulas. O primeiro deles é a intenção curricular da instituição, pois é preciso ter registrado os conteúdos, as expectativas de aprendizagem, as estratégias e formas de avaliação. Este documento é um instrumento de diálogo entre o professor e a escola (diretores, coordenadores, outros professores e família), já que apresenta a intencionalidade educacional. Como professora, faço uso deste planejamento de como forma de organizar as ideias gerais e retomo, sempre que necessário, com o objetivo de ajustar e registrar observações que servirão como recurso de avaliação após o término de cada etapa de trabalho.

Figura 16



Este não é o planejamento que utilizo todos os dias e que compartilho com as crianças. Realizo um planejamento mais flexível, com um formato de fácil leitura

onde possa colaborar com a pesquisa e exploração das crianças, dando a elas maior participação no que acontece nas aulas.

O objetivo deste último é promover observações atentas aos interesses, mas também organizar minhas intenções pedagógicas a medida que observo e identifico uma nova pesquisa ou curiosidade por parte das crianças. Usando estes dados e os registros com imagens fotográficas, posso antecipar ações e reorganizar estratégias, para que o conteúdo seja ajustado às necessidades de cada grupo.

Organizar uma trajetória de um estudo de forma colaborativa por todas as partes envolvidas, só é possível quando a escola se abre para ouvir e entende que o protagonismo não significa deixar as crianças caminharem sozinhas, mas sim ajudá-las dando recursos para que este caminho seja o mais rico de experiências, informações e conseqüentemente aprendizagens.

Figura 17



Ser um educador ouvinte requer de nós envolvimento e retomada de nossas certezas. É buscar parceiros que podem contribuir para reflexões ativas e assim, garantir uma pedagogia de escuta e valorização do conhecimento que as crianças já possuem. A busca por um planejamento que esteja de acordo com essas premissas educacionais, é o que me levou a experimentar formas diferentes de planejar. Uma busca que não se finda quando eu colocar o último ponto final neste diário, mas que abre uma nova trajetória, partindo das experiências que já tenho.

Acredito numa educação que não se pauta em certezas, mas que busca sempre adaptar-se ao momento atual, já que nossa prioridade são as crianças e estas serão marcadas pelo tempo em que vivem, pela interação com a sociedade e cultura em que estão inseridas.

Finalizo com as palavras de Cora Coralina sobre viver, afinal educar é acima de tudo estar ao lado de crianças e jovens, ajudando-os, ouvindo-os, olhando no olhos e acolhendo com palavras e gestos.

Saber Viver

Não sei...

se a vida é curta

ou longa demais para nós.

Mas sei que nada do que vivemos

tem sentido,

se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

colo que acolhe,

braço que envolve,

palavra que conforta,

silêncio que respeita,

alegria que contagia,

lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:

É o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela

não seja nem curta,

nem longa demais,

mas que seja intensa,

verdadeira e pura...

enquanto durar.¹⁷

¹⁷Disponível em: <https://www.culturagenial.com/cora-coralina-poemas-essenciais/>; Acesso 01/06/2020

A ESCOLA EM ÉPOCA DE PANDEMIA

**Relatos de Educadores
sobre o planejamento para as aulas a distância**

ÉPOCA DE INCERTEZAS

2020 será lembrado como mais um marco importante na história da humanidade, o ano em que nossas vidas foram modificadas pelo coronavírus SARS-Cov-2. Um vírus que levou a população mundial ao medo de contágio, a tristeza pelas mortes e a adaptações ao modo de viver. Dias difíceis, inseguros e inesquecíveis para a história mundial.

O isolamento social tornou-se regra geral na maior parte dos países, nos obrigando a sair o mínimo de nossas casas, tornando o contato físico possível apenas com aqueles que moram conosco.

Neste momento em que não podemos nos encontrar com os amigos nos bares e restaurantes, não é possível ir jogar uma pelada nos clubes e praças, não podemos juntar a família para o churrasco de domingo...; os recursos tecnológicos possibilitaram nossa conexão com o mundo e com as pessoas distantes. Os encontros foram marcados em salas de bate papo, os cursos se mantiveram através das lives, as notícias foram compartilhadas nas redes sociais e provavelmente nunca foram assistidas tantas séries.

Se a vida foi adaptada a obrigatoriedade do isolamento pelo bem de nossa saúde, como ficaram as escolas? Como as instituições educacionais se adaptaram neste momento de pandemia e isolamento?

A escola se adaptou fazendo uso dos recursos tecnológicos, cada uma a seu modo, diante do que acreditam ser o melhor para seus alunos e professores, mas também levando em consideração as características da faixa etária.

Adaptar as aulas para a distância não está sendo uma tarefa fácil, pois a educação é feita pelo olho no olho, através de diálogos, entre as brincadeiras do parque e os grupos de amigos. Difícil imaginar a escola sem os gritos das crianças, o barulho dos adolescentes e as trocas entre seus professores. No entanto, fizemos isso! Os educadores conseguiram criar formas particulares para chegar até seus alunos em seus lares.

Com o propósito de deixar registrado a adaptação curricular e a forma como o

planejamento foi flexibilizado para atender este jeito novo de estar junto aos estudantes, convidei educadores a relatar suas experiências com as aulas online. De forma muito generosa, eles contam como estão lidando com os recursos disponibilizados pelas instituições para as aulas a distância. Relatam a preocupação com a manutenção do conteúdo, mas também a flexibilização com um planejamento que deve entender as particularidades de cada faixa etária, o tempo de concentração na frente de um computador, os recursos materiais que cada família tem em suas casas e as características que diferenciam as aulas que necessitam estratégias particulares, como acontece com música e educação física.

Agradeço a todos que participaram e contribuíram com seus depoimentos, deixando aqui um registro histórico do que a educação brasileira está vivendo.

RENATA FACURY

Professora de Música

Este ano estamos vivenciando este momento tão atípico, de distanciamento, que nos faz repensar novas formas de fazeres, no caso de se transmitir o conhecimento e trazer à tona o aprendizado.

Como fazer de forma efetiva uma aproximação junto às crianças, de uma linguagem que necessita tanto do “estar junto”?

Inicialmente me utilizei de postagens de atividades, onde descrevia exatamente o que gostaria que fosse feito, recheado de referências trazidas de livros e do youtube. A maioria das atividades pedia uma devolutiva das crianças em forma de vídeo, desenho ou texto, mas o retorno foi quase nulo.

Quando incorporei as lives semanais nos horários das aulas, tudo mudou. As propostas por escrito não foram suficientes para falarmos da linguagem musical. Foi fundamental complementar através de vídeos gravados por mim mesma, direcionando a atividade com explicações e exemplos, compatíveis com as idades tanto em relação à forma de falar quanto ao conteúdo. Percebi que os vídeos gravados por mim eram uma boa forma de aproximação, já que ainda não estávamos nos encontrando virtualmente.

Quando as lives foram introduzidas, muita coisa mudou na relação: professor/propostas/alunos/entendimento/devolutiva. A explicação através da live e a escuta para as dúvidas foi essencial para o entendimento das crianças e posteriormente resposta dada pelas crianças observadas através das devolutivas. Dentro deste quadro posso dizer que do início do isolamento até hoje, (completamos mais de 100 dias), a participação das crianças aumentou em 90%.

Senti o quanto o planejamento teve que ser extremamente afinado à escuta das crianças durante as lives. Apesar de existir um planejamento inicial, com uma linha de pensamento e ofertas relacionadas a certo conteúdo, este se mostrou com uma estrutura altamente flexível: entender o quanto as crianças apreendem do que é proposto me auxiliou a caminhar nas propostas com maior ou menor

complexidade e algumas vezes, mudar o caminho que estava tomando em relação às propostas.

Lidar com uma linguagem tão abstrata, ligada à percepção sensível, subjetiva e em muitos momentos, tem sido um grande desafio. Encontrar recursos e modos de levar o aprendizado, tem sido um grande aprendizado.

De perto ou de longe, a música e a arte vêm para nos ajudar a entender nosso mundo e repensarmos nossa relação com ele de maneira profunda e poética.

Vale a pena continuar, sempre, seja de que forma for.

LEDA GAILLAND

Professora de Fundamental I

Como professora de uma turma do 4º ano do Fundamental I, posso assegurar, que inicialmente as aulas remotas causaram um verdadeiro caos em nossas vidas profissionais e pessoais.

Em março, quando tudo começou da noite para o dia, estávamos todos despreparados, perdidos, desesperados com tantas informações sobre o vírus, cuidados com a nossa saúde, número de mortes aumentando no mundo inteiro, e além disso, nos deparamos com um formato de aula que não estávamos acostumados.

A cada dia recebíamos uma orientação diferente da direção do colégio, e tínhamos que nos adequar em 24, 36 horas no máximo, pois os pais estavam mais perdidos que nós e cobrando pelo serviço pago.

Foram semanas onde a minha jornada de trabalho triplicou. Total exaustão! Até que surgiram as plataformas, como a nuvem mestra Google.

É um fato que não podemos deixar de citar, pois foi e está sendo importantíssimo para o nosso desempenho e apoio com o planejamento.

Claro, tudo teve e está tendo um custo financeiro muito grande para os colégios, que em contrapartida, estão tendo prejuízos avassaladores, mas faz parte da situação.

Porém, acredito definitivamente que não podemos mais continuar apenas com giz, o quadro, livros e cadernos. Tudo mudou! É um caminho sem volta.

Durante as lives (diárias), tivemos que apresentar recursos inovadores e atrativos para os nossos alunos. É fácil? Não, nem um pouco, mas tenho que admitir que é bem interessante para ambos os lados.

As aulas remotas nos levou para um caminho “forçado” de novas descobertas, pesquisas, estratégias e troca. Não tem como fugir.

Obter a atenção dos alunos nas lives, requer essa diversificação, porém não podemos deixar de considerar e respeitar cada faixa etária. Segundo relatos de

colegas que atendem ao público infantil, estão encontrando muitas dificuldades para elaborar as aulas, despertarem interesse dos pequenos e o reconhecimento e valorização das famílias.

Às vezes, sem menosprezar nenhuma categoria, tenho a impressão que as educadoras, são apresentadoras de programas infantis. E, mesmo os espaços de suas casas decorados de forma improvisada, com um computador ultrapassado, uma internet barata e sem o mínimo talento para expor sua imagem, elas estão dando um show, porque não está fácil.

E o mundo se renova! É isso aí.

LAÍS NOZAKI

Professora de Educação Física

Diante da quarentena e da forma repentina que fomos avisados sobre o isolamento social, iniciei o planejamento das minha aulas sem as reflexões que julgo necessárias, sem saber ao certo quanto tempo ficaríamos afastados e quais as plataformas que usaríamos, eu ficava cada vez mais aflita, pensando em como fazer Educação Física a distância?

Bom aprendi errando e tentando melhorar a cada semana, e minha maior dificuldade sem dúvida foi pensar no Infantil onde o contato e a troca permeiam tanto as escolhas e os rumos que o planejamento vai tomando.

No início tentei retomar atividades que já havia realizado com os alunos na Escola como uma forma de cultivar o vínculo que tínhamos estabelecido no início do ano, portanto dei continuidade ao formato de planejamento presencial, mas fui percebendo que o tempo passava e que teria que optar por novas propostas pensando em acolher a realidade de todas as crianças com relação aos espaços e materiais disponíveis, a partir daí comecei a incluir a utilização de materiais alternativos e confecção de brinquedos, alternativas que fossem viáveis tanto em ambientes abertos como fechados, mas a documentação que foi solicitada pela coordenação foi no mesmo formato das aulas presenciais, e confesso que achei importante porque me fazia revisitar os documentos e refletir se essas novas propostas condiziam as expectativas de aprendizagem.

Não sei ao certo quantas crianças consegui mobilizar com o meu trabalho pois não tivemos encontros por vídeo chamadas com os alunos, mas entendo que o trabalho com o infantil nessa nova fase depende diretamente do envolvimento das famílias e esse foi um ponto que discutimos ao final do semestre, a falta de feedback, mas segundo a coordenação os pais em reunião elogiaram muito nosso trabalho.

Já com os maiores do FII o processo foi inverso, nossas aulas em sua grande maioria eram práticas, com jogos de outras culturas e discussões de valores e

atitudes, escolhas essas que fazia junto aos demais professores, sem a participação ativa dos alunos e ao final desse processo tivemos trocas riquíssimas e construções maravilhosas juntos.

Durante toda a quarentena tivemos encontros por lives e para isso visitei o planejamento anual e os conceitos sobre o corpo em movimento, selecionei os que entendi que fossem pertinentes àquilo que os alunos estavam vivendo, como: cuidados com o corpo, importância da atividade física para a saúde, manutenção da postura correta nas tarefas cotidianas e acrescentei outros que me pareciam interessantes ou que surgiam em discussões com os alunos como o impacto do coronavírus para o esporte mundial.

As escolhas foram boas, mas a forma de aplicá-las inicialmente não foram as melhores pensando na especificidade da disciplina, afinal, a Educação Física não poderia ser mais uma de tantas matérias conteudistas em um período onde a privação de contato e movimento falava tão alto, e consegui perceber isso junto às crianças em aula, daí repensei formas de discutir esses temas importantes, mas com a participação dos alunos de forma mais ativa e efetiva.

Fizemos levantamento de dados sobre a realidade de prática de atividade física juntos, discutimos as melhores práticas para todos e ainda criamos um projeto sobre as Olimpíadas no qual os alunos participariam da organização desse Evento interno tão tradicional da Escola, discutimos a parte histórica das Olimpíadas, seus simbolismos e principais características, e para fixar o conteúdo, todo final de aula fazíamos um quiz de perguntas de múltipla escolha e eles o respondiam realizando desafios motores, quem acertava descansava e quem errava realizava mais um exercício, além disso incluí fichas de exercícios complementares para que eles pudessem realizar em outros momentos na semana, já que discutimos a importância de manter o corpo ativo. O Projeto ganhou corpo e acrescentamos relatos de atletas olímpicos e paralímpicos, além de conseguirmos a primeira live dedicada aos alunos com a presença do Rodrigo Garcia, executivo do Comitê Olímpico Internacional, que tirou dúvidas e discutiu curiosidades com os alunos que se viam responsáveis pelo nosso evento escolar.

Ao final desse processo após discussões de conselho de classe onde outros

professores relatavam a participação dos alunos apenas em atividades que valiam nota, me vi satisfeita pela trajetória construída, por entender que a Educação Física mesmo sem atribuir nota, teve a participação de mais de 80% dos alunos nas aulas e atividades propostas.

Até agora o que vivemos não foi fácil, mas a ideia de dividir e construir a Escola de forma remota contando com os alunos com certeza fortaleceu minha prática.

CAROLINA LALONI GENTIL

Professora de Educação Infantil

Quando iniciamos este grande desafio, aulas e atividades online nos propuseram os E-books semanais para que pensássemos em algo que trouxesse um pouco da rotina e também, contemplassem as áreas do conhecimento que abordávamos na escola desta nova forma.

Foi assim, que passei uma manhã inteira na escola (antes da loucura total de reclusão), com a minha parceira de grau gravando vídeos e áudios pensando na rotina desde a música do “Bom dia”, o “Tatá” com os nomes das crianças (no início de cada dia do e-book foram colocados estes áudios para que se lembrassem deste momento do início do dia e várias famílias relataram que as crianças pediam para repeti-los várias vezes, para que escutassem a nossa voz e lembrassem deste momento).

Gravamos vídeos contando histórias, fazendo experiências, explorando as formas, apresentando artistas que representavam estas formas. Filmamos o aquário para que depois pudéssemos aproveitar para seguir a sequência didática de cuidados com estes animais e pensamos então no possível para dar conta das primeiras semanas de aulas remotas pois, não sabíamos quanto tempo demoraria para que retomássemos nossa rotina (como ainda não sabemos). E nele também, fazia parte atividades dos especialistas que davam aula no grau e também, contações de histórias das auxiliares e brincadeiras do auxiliar da unidade, atividades relacionadas às artes e assim fomos compondo e tecendo estas atividades remotas que foram tomando corpo e se tornando mais significativas.

Estes e-books passavam por uma avaliação bem criteriosa dos coordenadores. Entregávamos uma matriz com tudo que conteria nele para o aval delas e depois elas analisavam o e-book pronto e nos davam devolutivas de cada item. Muitas vezes solicitavam que regravássemos os vídeos, acrescentássemos áudios mais explicativos para que ficasse mais claro para as famílias e para que mostrasse a

eles que havia um embasamento teórico por trás e uma intenção em cada atividade proposta.

E assim fomos nos adaptando com esta nova forma de planejar as atividades, muitas delas estariam sendo propostas presencialmente mas, tivemos que nos empenhar para sermos criativas e propor algo que fosse relacionado ao planejamento e ao mesmo tempo pudesse ser feito com os materiais disponíveis em casa ou de fácil acesso, já que estavam todos confinados. Tinha também, outro desafio além dos materiais, quando vivemos o dia a dia na escola o currículo é construído a cada dia como os alunos no grupo a partir de seus interesses e no caso, não tínhamos esta troca para saber que caminho a seguir. Fomos pesquisando novas propostas, escutando as famílias através de alguns canais de comunicação, telefonemas, reuniões remotas com os alunos e famílias e assim tendo uma devolutiva do que interessava de um modo geral as crianças.

Com o passar do tempo tudo se tornou mais fluido apesar de ainda desafiador. Mas, acredito que isto tudo tem sido importante para nos aprimorarmos nessas novas ferramentas digitais e para que aprendamos a lidar com este universo desconhecido nesta faixa etária.

LAIS FREIRE

Professora de Educação Infantil

Seguir com o planejamento em tempos de isolamento social, onde principalmente a educação vem vivendo um momento ímpar, foi algo desafiador. Como tudo que é novo assusta, no início o meu maior medo era saber como eu iria seguir o que estava no meu planejamento mediante ao cenário no qual estávamos vivenciando, e de como seriam as aulas a distância visto que meus alunos têm apenas dois anos de idade. Foram dias de agonia e incertezas, entretanto, acredito que o suporte que recebemos tanto da direção como da coordenação, fizeram toda a diferença nesse processo. Logo no início participamos de formações com o foco nas novas ferramentas de trabalho que iríamos utilizar, além de palestras, debates e reuniões que tinham como objetivo a formação continuada dos professores, colocando historicamente o momento vivido e ampliar as capacidades de reflexão sobre os cuidados necessários em tempos de pandemia.

Acho importante destacar que todas as nossas ações foram pautadas com base no nosso planejamento, claro tivemos que erguer um olhar ainda mais especial para as atividades ali propostas, como por exemplo: planejar as nossas aulas em outros formatos, utilizar recursos digitais, fazer algumas alterações e adaptações mediante as nossas observações e necessidade de cada criança, entre outros. Foi muito rico ver o percurso dos alunos desde o início até agora que entramos no período de férias. Saímos com a sensação de dever cumprido, de que tudo o esforço que fizemos valeu muito a pena. Acho importante ressaltar que educação não se faz sozinho e quando trabalhamos em parceria, valorizando a escuta e construção conjunta, no final tudo dá certo.

GIOVANNA SANTOS IZIDORO

Professora de Ensino Fundamental I

O curador, consultor de diversos projetos relacionados a criança, Gandhi Piorsky, diz que “a quarentena nos exige aprender sobre ritmos... construir pulsação”, uma fala tão potente e que gerou tamanha discussão dentro de mim. As palavras “aprender”, “ritmo”, “construir” e “pulsação” me invadiram de uma forma que eu precisei parar e me perguntar “onde eu me encontro?” e olhar para o que eu estava vivendo. O dicionário me disse que “ritmo” significa o movimento regular e periódico no curso de qualquer processo, e trouxe mais uma inquietação: Como prosseguir com as crianças?

Após várias reuniões de formação na escola em que atuo, iniciamos o trabalho com os pequenos. Como sou auxiliar de classe do 1º ano do Ensino Fundamental I, acompanho a professora nas aulas online, que acontecem de segunda a sexta, uma hora por dia com todas as crianças e mais trinta minutos com pequenos grupos, no Google Meet. Nesse momento, mais do que nunca, o planejamento é extremamente necessário, para organizarmos as intervenções, para que o objetivo da aula seja claro e para que as crianças sejam ouvidas.

O planejamento é semanal, feito em forma de planilha na plataforma Google Planilhas e encaminhado para os responsáveis no final de semana. As aulas são adaptadas à medida que observamos as crianças, sua falas e suas escritas. Aprendemos a utilizar uma nova plataforma, chamada Padlet, para mapear os nossos processos, e organizar nossas investigações de forma que os pais tenham acesso e possam acompanhar a nossa caminhada. As crianças receberam em suas casas os materiais necessários para as aulas, livros, apostilas, papéis coloridos, barbantes e tecidos.

Em pandemia, nós somos desafiados nos mínimos detalhes, estamos em novos lugares, estamos na sala de jantar, no quarto, na cozinha, na varanda: a casa vira um espaço de investigação.

Temos portas fechadas hoje, mas as nossas janelas estão abertas!

ADRIANA MIRITELLO TERAHATA

Professora de Fundamental I

Atualmente leciono para o 2º ano do Ensino Fundamental I em uma escola particular de São Paulo. Antes de apresentar os ajustes feitos para o ensino remoto, considero importante explicar, minimamente, como é feito o planejamento no ensino presencial.

No início do ano letivo, a equipe docente se reúne para organizar um planejamento geral e das primeiras semanas de aula. No planejamento geral, são apresentados os projetos do primeiro trimestre nas áreas (práticas de linguagem e matemática) e os respectivos cronogramas. A partir destas informações e com o cronograma de aulas dos professores especialistas (artes/música, inglês e educação física), cada professor polivalente organiza um planejamento base.

O planejamento base tem por objetivo organizar, na semana, uma disposição das diferentes áreas e contemplar, dentro delas, suas especificidades. Por exemplo, em Práticas de Linguagem deve ser distribuído aulas que levem em consideração: projeto, aspectos notacionais, atividades de leitura e escrita, memórias de leitura, roda de biblioteca e leitura compartilhada; em Matemática atividades para apropriação do sistema de numeração decimal, operações (problemas e cálculo) e geometria. Também consta do planejamento atividades de cantos (no início do dia), de corpo e movimento e convívio ou assembléia.

Como dar conta deste planejamento e suas especificidades no ambiente virtual? Foi muito desafiador, muito longe do que acontece no presencial, mas avalio positivamente o caminho encontrado. A escola tem experiência com ambiente virtual pelo trabalho que desenvolve no F2 e Ensino Médio. Então, toda a plataforma que já existe, migrou para os outros segmentos.

Nesta plataforma, as crianças e famílias acessam o cronograma da semana, os *links* para encontros síncronos, materiais de apoio e o que é para ser realizado no dia. A cada dia tem um documento com as orientações, com uma organização inspirada na rotina do presencial. É uma carta às crianças explicando: materiais necessários para o dia, sugestão de cantos, correção, novas atividades e, ao final, a leitura compartilhada (sempre é feita com um vídeo). Para as atividades de convívio, usamos os fóruns; planejamos um tema para o “bate-papo virtual da semana” e as crianças participam (escrevendo ou gravando áudios e mandando fotos) sobre o assunto, por exemplo, “como é o seu canto de estudo?”.

Como as crianças ainda não são leitoras fluentes e queríamos incentivar uma maior autonomia, gravamos um áudio, todo dia, lendo a carta; no segundo

trimestre paramos de ler integralmente este documento, mas o áudio permaneceu com orientações gerais para o dia e alguma dica para a realização das atividades.

Para que isso fosse possível, a organização no F1 foi fundamental. Cada equipe de série, junto com uma orientadora, organizou um planejamento base para contemplar todas as áreas e, coletivamente decidimos, a cada semana, o que priorizar em termos de conteúdo-atividades-modo de apresentar da área.

Também decidimos o que enviamos na carta do dia e o que será trabalhado nos encontros síncronos. Temos três encontros com as crianças, um para matemática, um para práticas de linguagem e um para fazer, com o grupo, alguma atividade do dia. Também selecionamos, na semana, o que pode ser feito como devolutiva em vídeo, foto (como um gabarito) e o que precisa ser retomado no encontro virtual. Às sextas-feiras enviamos, na carta do dia, um *check-list* da semana, com as atividades que deveriam ser prioridade. São estas atividades, mais as que desenvolvemos nos encontros síncronos, que usamos para balizar as intervenções e planejar os novos encaminhamentos.

Foram muitas as adaptações, elenquei algumas que considero mais relevantes e que, de modo geral, faz com que seja possível perceber os ajustes realizados.

BIBLIOGRAFIA

BASSEDAS, Eulália; “Aprender e Ensinar na Educação Infantil”; Artmed

EDWARDS, Carolyn, FORMAN, George e GANDINI, Lella; “As Cem linguagens da Criança - VOL. 1”; Editora Penso; Porto; 2016

EVARISTO, Conceição; “Recordar é Preciso”;2008; Disponível em:
<https://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>

Michaelis On-line; Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/invent%C3%A1rio/>

MOURA, Reginaldo Lima de; “Fio Solto”; Editora Pedro e João; p. 55

MOURÃO, Helder; “A pedagogia Tradicional ontem e hoje”; c.2010; Disponível em:
<[https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-pedagogia-tradicional-ontem-
hoje.htm](https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-pedagogia-tradicional-ontem-hoje.htm)>

OLIVEIRA, Júlia e PASCAL, Christine; “Documentação Pedagógica e Avaliação na Educação Infantil:um caminho para a transformação”; Penso Editora Ltda; Porto Alegre - RS

PERRENOUD, Philippe; “10 Competências para Ensinar”; Artmed; Porto Alegre; 2000

PROENÇA, Maria Alice; “Prática Docente - A Abordagem de Reggio Emilia e o Trabalho com Projetos, Portfólios e Redes Formativas”; Panda Educação; São Paulo; 2018

Projeto Infâncias; “O que é”; c2012; Disponível em:
<<https://projetoinfancias.com.br/site/o-que-e>>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto bordado: Composição de mãos da professora e crianças bordando.

Figura 2 - Foto bordado: Composição com documento pessoal e planejamento.

Figura 3 - Foto bordado: Fotos de aula de Artes na Escola Pequeno Aprendiz, tiradas e disponibilizadas por Maria Thereza Volardi.

Figura 4 - Foto bordado: Dia da formatura em Pedagogia.

Figura 5 - Foto bordado: Roda de leitura de imagem e desenho de crianças.

Figura 6 - Foto bordado: Aula de artes visuais no Parque Ibirapuera.

Figura 7 - Foto bordado: Composição de mãos pintando e desenhos de crianças.

Figura 8 - Modelo de planejamento em tabela.

Figura 9 - Modelo de planejamento em tabela.

Figura 10 - Foto bordado: Pés de alunos pintados em aula de artes visuais.

Figura 11 - Foto bordado: Composição de produções artísticas de crianças.

Figura 12 - Foto bordado: Composição de fotos mostrando crianças explorando materiais.

Figura 13 - Foto bordado: Criança Pintando.

Figura 14 - Foto bordado: Professora auxiliando criança em uma composição com barbantes, tirada e disponibilizada por Maria Thereza Volardi.

Figura 15 - Modelo de planejamento em mapa mental

Figura 16 - Foto bordado: Foto de uma roda de leitura, tirada e disponibilizada por Maria Thereza Volardi.

Figura 17 - Foto bordado: Composição de fotos com colegas educadores.